

DISCRIMINAÇÃO, VIOLÊNCIA E INTERSECCIONALIDADES NA COMUNIDADE LGBTI+: ACHADOS DA PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DA POPULAÇÃO LGBTI+

Akira Borba Colen França¹
Leandra Sobral Oliveira²
Luddy Searom Carias de Moraes³
Wisney Batista dos Santos⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama das discriminações e violências que habitam a população LGBTI+ no Brasil a partir da Pesquisa Nacional por Amostragem da População LGBTI+ 2019, realizada pela ONG TODXS. Os dados foram obtidos através de questionário online, que passou por etapas de validação do instrumento e do cálculo amostral. A coleta durou 3 meses e obteve 15326 respostas de pessoas maiores de 18 anos, das 27 capitais das Unidades da Federação. As violências encontradas foram divididas em quatro eixos temáticos: Discriminação dentro e fora da comunidade LGBTI+; Discriminação na vivência escolar e universitária; Violências verbais; e Violências físicas. Os resultados mostram a importância da interseccionalidade para a compreensão desses fenômenos na população LGBTI+, com os marcadores de identidade de gênero, orientação sexual e raça tomando papel central. 56% das pessoas de identidade de gênero masculina e 65% não-binária relatam episódios de discriminação em suas vivências escolares, valor contrastado com 43% para as pessoas de identidade feminina. 71% das pessoas relataram já terem sofrido discriminação por sua orientação sexual, valor que passa dos 79% em pessoas indígenas. Mesmo dentro da comunidade, 73% das pessoas relataram

1 Mestra em Educação (UFRGS), Doutoranda em Informática na Educação (UFRGS), líder de pesquisa na ONG TODXS Brasil - akira.borba@todxs.org;

2 Doutora em Psicologia Social (UERJ), Especialista em gênero e sexualidade (UERJ), analista de pesquisa na ONG TODXS Brasil - leandra.oliveira@todxs.org

3 Mestre em Biologia (UEM), analista de pesquisa na ONG TODXS Brasil - luddy.searom@todxs.org;

4 Especialista em Psicologia Social (Faculdade Futura), analista de pesquisa na ONG TODXS Brasil - wisney.berig@todxs.org

já terem se sentido discriminadas, número que chega a 77% para as pessoas pretas, e 79% para as pessoas indígenas. A pesquisa tem caráter amostral, portanto, não representa de forma absoluta a realidade da população LGBTI+. Contudo, acreditamos que um panorama do perfil dessas experiências de discriminação e violência contribua para a comunidade científica e para a elaboração de políticas públicas.

Palavras-chave: População LGBTI+, Interseccionalidade, Discriminação, Violência, LGBTfobia

INTRODUÇÃO

Já adentra o senso comum os altos níveis de LGBTfobia com que convive a sociedade brasileira. Segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, uma morte violenta LGBTfóbica aconteceu a cada 34 horas no Brasil em 2022 (Grupo Gay da Bahia, 2023). Ainda que o Governo Federal esteja ciente da situação e reconheça sua gravidade (Agência Brasil, 2023), que se repete há mais de uma década, não há mobilização concreta de produção de dados oficiais ou de políticas públicas nesse sentido. É a sociedade civil organizada, materializada em suas ONGs, que assume o papel de produção de dados confiáveis, relatórios e pesquisas que possam embasar a ação do poder público.

Importa destacar que os dados disponíveis revelam forte interseccionalidade. O dossiê produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2023) revela que os assassinatos de pessoas trans, por exemplo, precisam ser compreendidos levando em conta a classe social, gênero e raça da vítima, para além de outros marcadores importantes. É verdade que a interseccionalidade não é um contexto novo nos estudos feministas (Davis, 2016), e vem ganhando papel central também nas análises e lutas transfeministas (Nascimento, 2016; Pinho, 2008). Portanto, segue de relevância que ONGs e outras entidades da sociedade produzam e divulguem dados sobre discriminação e violência lgbtfóbica, especialmente aqueles dados que contem com análise interseccional.

Nesse sentido, este artigo apresenta um recorte da Pesquisa Nacional por Amostra da População LGBTI+ 2019, com ênfase em seu bloco de violência de discriminação (TODXS, 2022). Apresentam-se dados sobre discriminação e violência em geral, discriminação no ambiente escolar e discriminação dentro da própria comunidade LGBTI+. Espera-se que esses dados auxiliem na compreensão dos números alarmantes de violências e assassinatos LGBTfóbicos no Brasil, informando a academia e as pessoas formuladoras de políticas públicas.

METODOLOGIA

A pesquisa por amostra foi realizada em plataforma online, com questionário de 115 perguntas, inclusive com perguntas adicionais condicionais, cujas respostas foram armazenadas em base de dados para análise. Dessa forma, selecionou-se a plataforma online SurveyMonkey (<https://pt.surveymonkey.com>). Reconhece-se que um questionário online possui limitações de acesso. No entanto, em um contexto em que cerca de 80% dos domicílios brasileiros possuem conexão com internet, chegando a 82% nas zonas urbanas (Ministério das Comunicações,

2023), compreende-se que essas limitações não são suficientes para diminuir as contribuições possíveis da pesquisa.

A pesquisa coletou informações de pessoas LGBTI+ das 27 capitais brasileiras. Com período de coleta de aproximadamente três meses, que se iniciou em 04 de abril e finalizou em 03 de julho de 2019, obteve-se 15326 respostas validadas, todas de pessoas maiores de 18 anos no momento da coleta dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, apresentam-se os dados sobre a discriminação de identidade de gênero, isto é, o relato pessoal de ter se sentido vítima de discriminação, conforme figura a seguir (figura 1).

Figura 1: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua identidade de gênero?



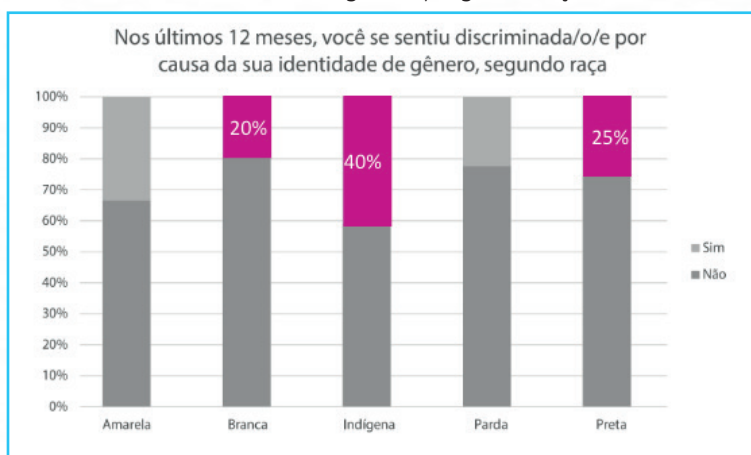
Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua identidade de gênero nos últimos 12 meses. Sim = 21,7%; Não = 78,3%.

Fonte: TODXS, 2022, p.26

Como pode-se perceber na Figura 1, cerca de 20% das pessoas respondentes relataram discriminação por sua identidade de gênero. No entanto, um olhar interseccional revela que este valor agregado não é suficiente para compreensão dos dados (Figura 2). Observa-se que, enquanto 20% das pessoas brancas relataram discriminação, o valor chega a 25% para pessoas pretas e a 40% para as pessoas indígenas. Assim, além da importância da análise racial, destaca-se que entender raça como a díade entre pessoas brancas e pessoas negras é insuficiente para compreensão da realidade lgbtfóbica no Brasil.

Além da análise racial, outro marcador identitário importante para compreender a discriminação da identidade de gênero é o da cisgeneridade. Os dados (Figura 3) mostram que cerca de 16% das pessoas cis relataram essa discriminação, enquanto cerca de 66% das pessoas trans fizeram o mesmo relato. Esse dado não de sobremaneira uma surpresa, mas destaca a importância das diferentes dinâmicas lgbtfóbicas entre pessoas cis e pessoas trans.

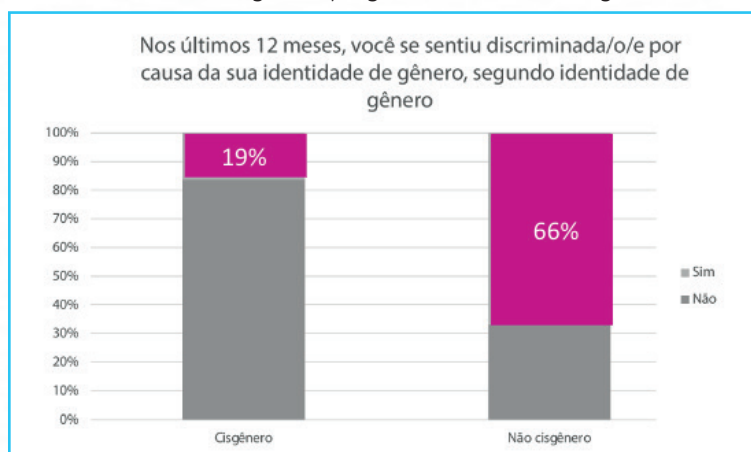
Figura 2: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua identidade de gênero, segundo raça



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua identidade de gênero nos últimos 12 meses, segundo raça. Amarela, Sim = 33,3%, Não = 66,7%; Branca, Sim = 19,6%, Não = 80,4%; Indígena, Sim = 40,9%, Não = 59,1%; Parda, Sim = 22,3%, Não = 77,7%; Preta, Sim = 25,2%, Não = 74,8%.

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.27

Figura 3: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua identidade de gênero, segundo identidade de gênero

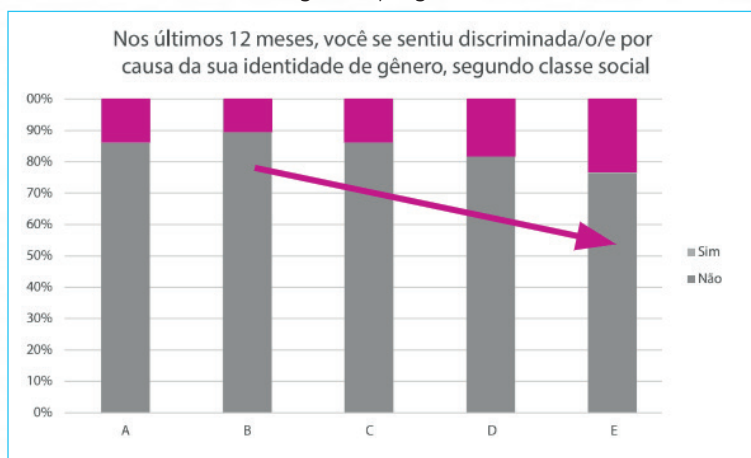


Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua identidade de gênero nos últimos 12 meses, segundo identidade cis e trans. Cis, Sim = 16,4%, Não = 83,6%; Trans, Sim = 66,6%, Não = 33,4%.

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.28

Finalmente, outro marcador essencial para compreensão da discriminação por identidade de gênero é o de classe social. Conforme pode ser visualizado na Figura 4, são as pessoas das classes sociais mais baixas que relatam maiores índices dessa discriminação.

Figura 4: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua identidade de gênero, segundo classe social



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua identidade de gênero nos últimos 12 meses, segundo classe social. Classe A, Sim = 14%, Não = 86%; Classe B, Sim = 10,4%, Não = 89,6%; Classe C, Sim = 13,7%, Não = 86,3%; Classe D, Sim = 17,9%, Não = 82,1%; Classe E, Sim = 23,5%, Não = 76,5%.

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.27

Quando analisa-se os dados de discriminação por orientação sexual, os valores são bem distintos (Figura 5). Observa-se que essa discriminação atinge uma proporção muito maior da população LGBTI+ brasileira, com cerca de 71% relatando terem vivido-a no último ano.

Figura 5: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua orientação sexual?

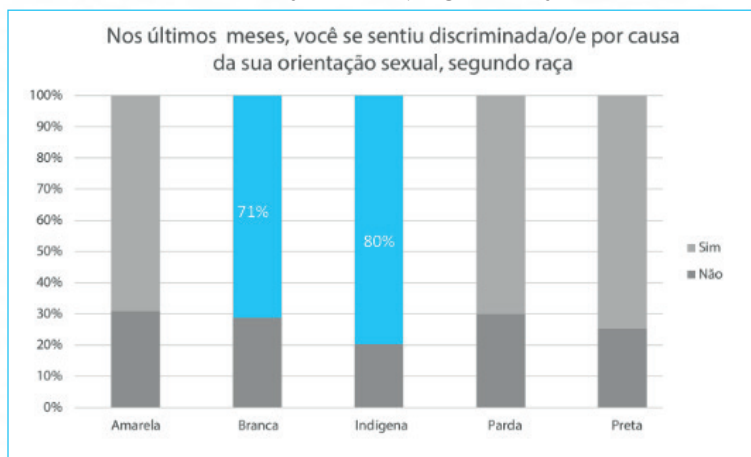


Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua orientação sexual, nos últimos 12 meses. Não = 28,6%; Sim = 71,4%

Fonte: TODXS, 2022, p.29

Apesar de mais prevalente, a discriminação por orientação sexual também possui componentes interseccionais, como raça, por exemplo (Figura 6). É nítida a diferença entre os índices de discriminação apontado pelas pessoas brancas (71%) e indígenas (cerca de 80%), mais uma vez reforçando a necessidade de ampliar a diáde branco-negro nas análises raciais.

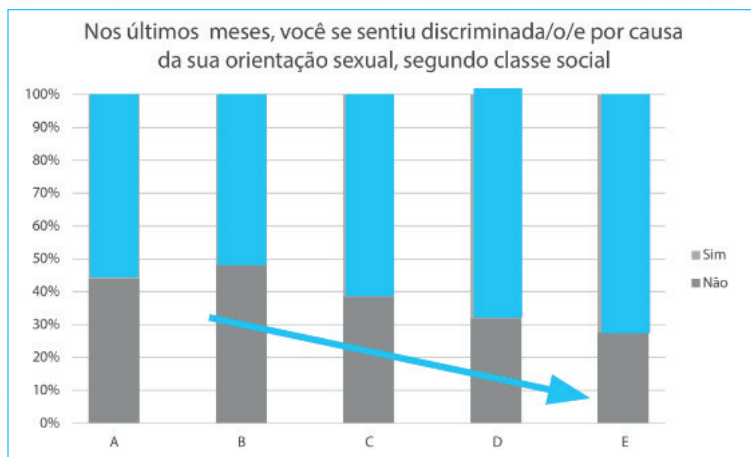
Figura 6: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua orientação sexual, segundo raça



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua orientação sexual, nos últimos 12 meses, segundo raça. Amarela, Sim = 69%, Não = 31%; Branca, Sim = 71%, Não = 29%; Indígena, Sim = 79,5%, Não = 20,5%; Parda, Sim = 70%, Não = 30%; Preta, Sim = 74,6%, Não = 25,4%.

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.29

Figura 7: Gráfico de Barras: Nos últimos 12 meses, você se sentiu discriminada/o/e por causa da sua orientação sexual, segundo classe social



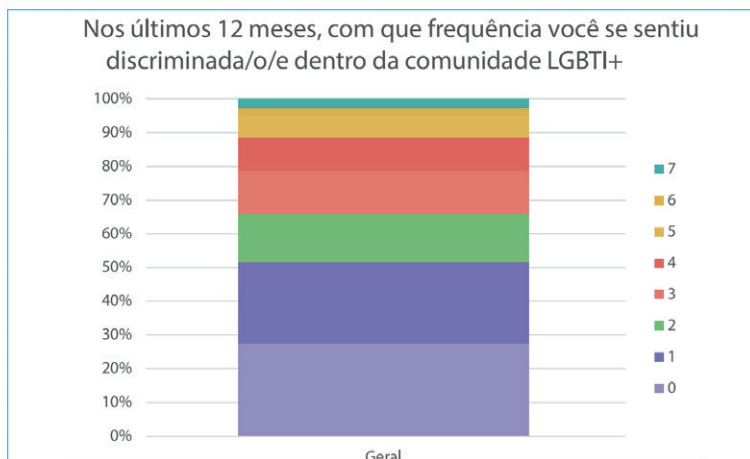
Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por conta de sua orientação sexual, nos últimos 12 meses, segundo classe social. Classe A, Sim = 55,8%, Não = 44,2%; Classe B, Sim = 51,8%, Não = 48,2%; Classe C, Sim = 61,4%, Não = 38,6%; Classe D, Sim = 68%, Não = 32%; Classe E, Sim = 72,4%, Não = 27,6%.

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.29

Além disso, de maneira similar à discriminação por identidade de gênero, a identidade por orientação sexual também apresenta dinâmicas classistas, expondo as classes sociais mais baixas a maiores índices de violência (Figura 7).

Para além dos níveis de discriminação por identidade de gênero e orientação sexual, é necessário compreender as dinâmicas de violência que perpassam a própria comunidade LGBTI+. Muitas vezes descrita como um espaço seguro, frequentemente a comunidade reproduz violências que seriam esperadas dos centros de poder cisheteronormativos. Como podemos observar na figura 8, apenas cerca de 28% da população LGBTI+ sente-se plenamente segura na comunidade, isto é, relata nunca ter vivido discriminação dentro da mesma.

Figura 8: Gráfico de Barras Empilhadas: Nos últimos 12 meses, com que frequência você se sentiu discriminada/o/e dentro da comunidade LGBTI+



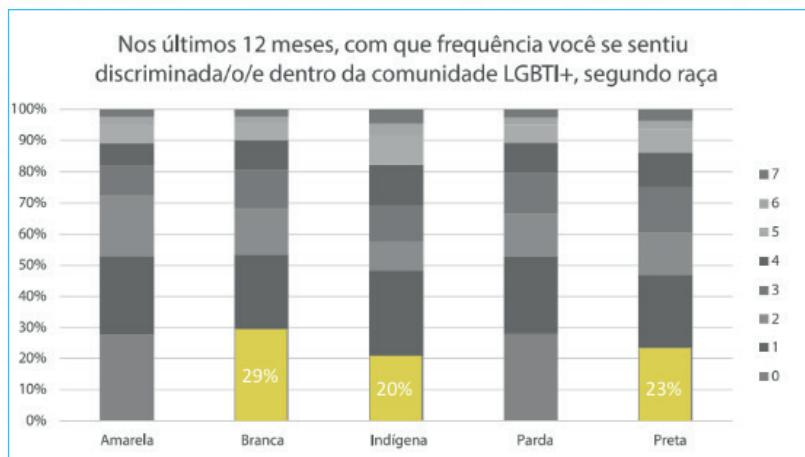
Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas dentro da comunidade LGBTI+, nos últimos 12 meses, com frequência de 0 (nunca) a 7 (muito frequentemente). Os dados estão descritos na tabela a seguir

0	1	2	3	4	5	6	7
27,9%	24,2%	14,3%	12,8%	9,8%	6%	2,3%	2,7%

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.31

Novamente, o dado geral beneficia-se de ser analisado de maneira interseccional. Quando conduzimos análises baseadas em raça, vemos que, enquanto pessoas 29% das pessoas brancas relatam nunca terem sofrido discriminação dentro da comunidade, este valor cai para 23% da população preta e para 20% da população indígena (Figura 9). Ou seja, a comunidade LGBTI+ não está isenta das dinâmicas de discriminação e violência racistas, e é um espaço seguro de segurança desigual para seus habitantes.

Figura 9: Gráfico de Barras Empilhadas: Nos últimos 12 meses, com que frequência você se sentiu discriminada/o/e dentro da comunidade LGBTI+, segundo raça

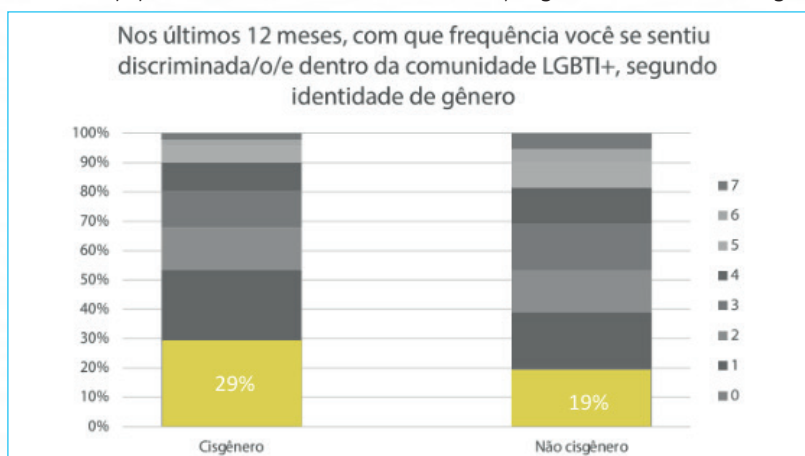


Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas dentro da comunidade LGBTI+, nos últimos 12 meses, com frequência de 0 (nunca) a 7 (muito frequentemente). Os dados estão descritos na tabela a seguir

	0	1	2	3	4	5	6	7
Amarela	27,7%	25,3%	19,3%	9,6%	7,2%	6%	2,4%	2,4%
Branca	29,3%	24,1%	14,8%	12,3%	9,6%	5,4%	2,2%	2,3%
Indígena	20,8%	27,7%	9,2%	11,5%	13,1%	9,2%	3,8%	4,6%
Parda	28%	24,8%	13,7%	13%	9,8%	5,8%	2,3%	2,6%
Preta	23,4%	23,4%	13,4%	14,8%	11%	7,5%	2,6%	3,7%

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.31

Figura 10: Gráfico de Barras Empilhadas: Nos últimos 12 meses, com que frequência você se sentiu discriminada/o/e dentro da comunidade LGBTI+, segundo identidade de gênero



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas dentro da comunidade LGBTI+, nos últimos 12 meses, com frequência de 0 (nunca) a 7 (muito frequentemente). Os dados estão descritos na tabela a seguir

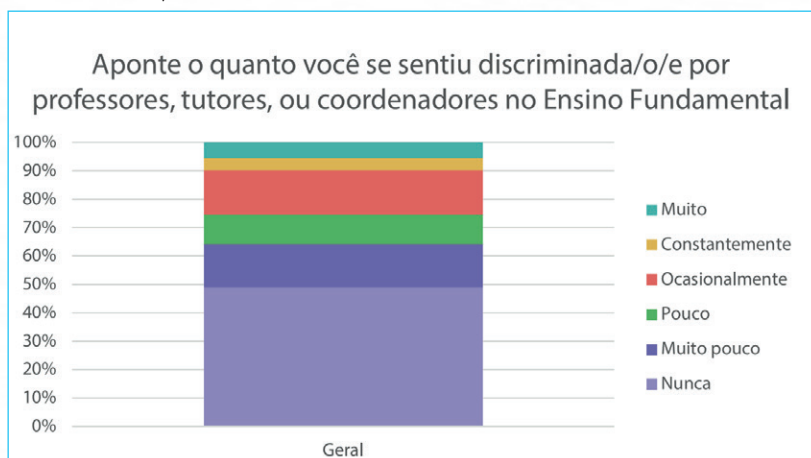
	0	1	2	3	4	5	6	7
Cisgênero	28,8%	24,6%	14,4%	12,5%	9,6%	5,6%	2,1%	2,3%
Não cisgênero	19,5%	19,4%	14,2%	16,1%	12,3%	8,8%	4,4%	5,3%

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.33

Mais uma vez, também a discriminação dentro da comunidade contém dinâmicas de reprodução da transfobia. Enquanto cerca de 29% das pessoas cis percebem a comunidade como um ponto totalmente seguro, o número cai para 19% para as pessoas trans.

A última esfera de discriminação e violência a que esse artigo se dedica é a violência na educação formal. Selecionou-se o dado da discriminação de pessoas estudantes do ensino fundamental, isto é, crianças, sofrida por pessoas tutoras, professoras ou coordenadoras, isto é, os adultos daquele espaço (figura 11). Essa é uma discriminação especialmente significativa, pois além de representar adultos discriminando crianças, também é vivida em um espaço teoricamente seguro (a escola), por adultos teoricamente responsáveis por sua formação humana (pessoas professoras).

Figura 11: Gráfico de Barras Empilhadas: Aponte o quanto você se sentiu discriminada/o/e por professores, tutores ou coordenadores no Ensino Fundamental



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por seus professores, tutores ou coordenadores no ensino fundamental. Muito = 5,2%, Constantemente = 4,3%, Ocasionalmente = 15,4%, Pouco = 10,3%, Muito pouco = 15,2%, Nunca = 49,5%.

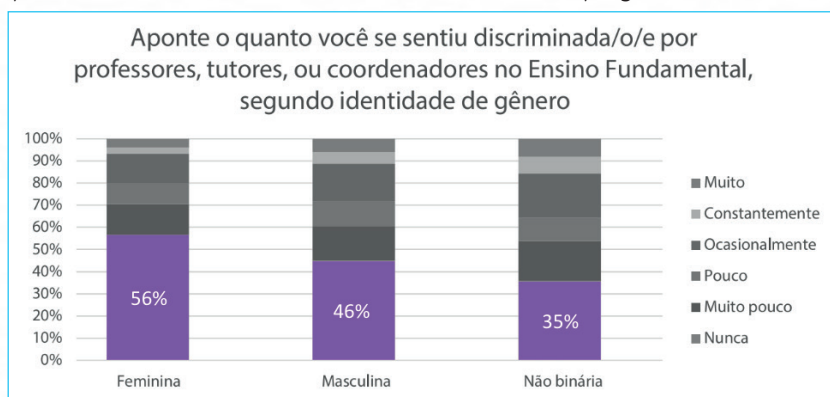
Fonte: TODXS, 2022, p.35

Observa-se que, infelizmente, apenas 49,5% das pessoas respondentes relataram nunca terem sentido esse tipo de discriminação. Isto é, para mais da

metade da população LGBTI+, há algum nível de discriminação por parte dos adultos em suas vivências nas primeiras etapas da escolarização. Mais uma vez, os dados precisam ser abertos para compreensão mais completa do fenômeno da discriminação. Neste caso, seleciona-se a variável gênero (identitário, e não necessariamente de registro) para expansão dessa compreensão.

Nota-se (figura 12), que a escola no ensino fundamental chegou a ser um espaço totalmente seguro para 56% das pessoas do gênero feminino, valor que cai 46% para o gênero masculino e chega a 35% para as pessoas não binárias. Entende-se que esses valores demonstram a imposição da masculinidade no ambiente escolar, que se apresenta como lgbtfobia nesses ambientes formativos especialmente percebida pelas pessoas que não são do gênero feminino.

Figura 12: Gráfico de Barras Empilhadas: Aponte o quanto você se sentiu discriminada/o/e por professores, tutores ou coordenadores no Ensino Fundamental, segundo identidade de gênero



Legenda acessível: Gráfico de barras empilhadas sobre se as pessoas respondentes já se sentiram discriminadas por seus professores, tutores ou coordenadores no ensino fundamental, segundo identidade de gênero. Os dados estão descritos na tabela a seguir.

	Muito	Constantemente	Ocasionalmente	Pouco	Muito pouco	Nunca
Feminina	3,92%	2,83%	13,39%	9,19%	14,08%	56,6%
Masculina	5,97%	5,25%	16,58%	11,38%	15,65%	44,9%
Não-binária	8,17%	7,56%	19,88%	10,61%	17,8%	35,98%

Fonte: Adaptado de TODXS, 2022, p.38

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, apresentaram-se dados agregados e interseccionais de facetas de discriminação e violência vividas pela população LGBTI+. Esses dados mostraram não apenas como a lgbtfobia abrange distintas discriminações, vividas com intensidades diferentes, como a discriminação por identidade de gênero

e por orientações sexual, mas também como essas discriminações operam em conjunto com marcadores de raça e classe, por exemplo. Além disso, os dados também descortinam o caráter racista e transfóbico da própria comunidade LGBTI+, que reproduz violências encontradas nos centros de poder cisheternormativos. Finalmente, também são evidentes os componentes das violências LGBTfóbicas e a imposição de masculinidades e limitações nas vivências escolares, que também deveriam ser espaços seguros.

Dada a escassez de dados oficiais, são os dados produzidos pela sociedade civil que alimentam os debates acadêmicos e pressionam pela criação e transformação de políticas públicas. Espera-se que os dados aqui selecionados contribuam positivamente para estas frentes de trabalho e de garantia de direitos da população LGBTI+.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Brasil é o país com mais mortes de pessoas trans no mundo, diz dossiê. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-pessoas-trans-no-mundo-diz-dossie>. Acesso em: nov. 2023.

ANTRA. (2023). Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: nov 2023.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

GRUPO GAY DA BAHIA. Mortes violentas de LGBTI+ Brasil. **Observatório do Grupo Gay da Bahia**. 2023. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-daa-bahia-2022/>. Acesso em: nov. 2023.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. 80% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet, aponta pesquisa. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2023/maio/80-dos-domicilios-brasileiros-possuem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa>. Acesso em: nov. 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021

PINHO, O. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, O.; SANSONE, L. (Org.). **Raça:** novas perspectivas antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 257-293.

TODXS. **Pesquisa Nacional Por Amostra da População LGBTI+:** Discriminação e Violência. [S.l.]: TODXS, 2022. Disponível em: <https://todxs-site.s3.amazonaws.com/pesquisa-nacional-por-amostra-da-populacao-lgbti-discriminacao-e-violencia.pdf>. Acesso em: nov 2023.